

O tratamento da personagem Dom Quixote de La Mancha em recontos brasileiros da novela de Miguel de Cervantes Saavedra para crianças e jovens

Marcira E. Trindade
Orientadora: Vera Teixeira de Aguiar

Resumo: O presente trabalho é composto de três momentos: o primeiro teoriza sobre o estudo da personagem da narrativa juvenil, bem como a sua necessidade para o desenrolar dos acontecimentos. No segundo momento dissertamos a respeito da literatura juvenil e sua importância para a formação leitora; e, no terceiro e último momento, analisamos os livros de conto fazendo uma comparação entre as personagens presentes na obra, a fim de verificar as semelhanças e diferenças presentes nas personagens dos livros de conto, criadas a partir do livro de Cervantes.

Palavras-chave: Conto. Literatura Juvenil. Personagem.

Como sabemos, a literatura infantil e juvenil tem como base de seu surgimento a necessidade escolar. E é a partir desse pressuposto que aparecem inicialmente os livros educativos, passando, posteriormente, para a adaptação dos clássicos e chegando aos recontos, tema deste trabalho. Essa evolução se dá justamente porque cada época exige novos desafios e, pensando nessa exigência, alguns autores resolvem voltar-se para o jovem como leitor crítico e não como aluno. Dessa forma, começam a surgir escritores que já não mais prezam o pedagógico, mas o estético.

Essa ruptura cria novos horizontes para o leitor jovem, geralmente cansado dos mesmos enredos pobres e do tom de ensinamento presente em textos que, muitas vezes, nem se preocupam em criar um elo com ele. Apesar dos constantes questionamentos sobre a validade da literatura juvenil como um texto literário, podemos notar uma mudança significativa na abordagem das editoras em relação ao aluno.

1 A personagem ficcional na literatura juvenil

A personagem é um elemento essencial na narrativa, uma vez que é um ser atuante dentro da obra. Ela é criada a partir da construção do autor e possui uma relação íntima com o leitor. Em toda obra, é sempre alguém dotado de características que podem agradar ou não ao receptor. São elas que marcam a história e produzem os mais diversos efeitos, expressando sentimentos que vão desde a profunda admiração a mais pura rejeição (Brait, 2006). Segundo Antonio Candido, “é este elemento da narrativa que revela com maior nitidez a ficcionalidade da obra, por ela a camada imaginária se condensa e se cristaliza” (1970, p. 14).

Aristóteles, ao se posicionar sobre o tema, considera que há inúmeras semelhanças entre a personagem e o ser humano, pois acredita que o homem desde pequeno se utiliza da imitação (da mimeses), sendo essa atividade um hábito comum desde o início de sua aprendizagem, o que lhe dá prazer. A personagem, pois, de um lado, é resultado da imitação de seres humanos e, de outro, funciona como modelo para o leitor.

Entretanto, nem sempre a personagem é o foco principal da história. Sua natureza, segundo Candido (1970), parte da vontade do autor, pois esse elege o caminho que lhe parecer mais conveniente, considerando o que deseja transmitir em sua obra. Assim, se o escritor está mais interessado em expressar a situação social da época, enfatiza mais o panorama geral, observando o que ocorre ao redor da personagem. Consequentemente, seu aspecto psicológico não é aprofundado, uma vez que essa não é a intenção do autor. Entretanto, se o tema está fixado nos problemas humanos, ela se torna mais complexa, prevalecendo sua singularidade sobre o pano de fundo social.

Visto que a literatura infantil e juvenil nasce de uma necessidade pedagógica, os traços literários são, muitas vezes, esquecidos. Todavia, há quem consiga manter a literariedade acima do educativo, contudo, segundo Khéde (1986), para que o texto alcance esse status, a personagem é a peça chave, pois deve buscar uma profunda interação entre o jovem leitor e os personagens do texto. Tanto a posição do narrador, quanto a da personagem são de suma importância para que a obra perca a razão inicial de seu surgimento – o de pedagógico-moralizante – e garanta seu valor literário.

O herói do texto pode se apresentar de diferentes maneiras e isso depende do que o autor deseja transmitir. Na literatura juvenil, este jovem herói traz consigo uma gama de valores e sentimentos simultâneos. Para expor essas sensações experimentadas por eles, o autor precisa fragmentar a personagem, tornando-a palpável para esse leitor. Segundo Khéde (1986):

Uma personagem poderá se apresentar fragmentariamente porque representa a crise de identidade (...). Nesse sentido, o leitor se verá representado no texto – principalmente com o herói urbano – e o personagem cumprirá uma das funções básicas da obra de arte que é a de simbolizar o real (p. 57).

No caso da literatura juvenil, tema de estudo desse trabalho, esse componente da narrativa, a personagem, surge, originalmente, como um objeto secundário a mercê do enredo, pois o que importa não é a sua construção, mas a mensagem moralizante. Contudo, há cada vez mais autores interessados em uma literatura que preze a qualidade estética. Ainda que essa seja criada com um determinado intuito, sua forma está cada vez mais complexa, há uma preocupação constante com o literário, e não só com o educativo. Justamente em função dessa evolução, precisamos analisar a personagem presente nessas obras de um ponto de vista histórico. Esses elementos representam a cultura de uma época, uma população, sua construção nos revela aspectos específicos de seu tempo: assim afirma Khéde (1986), ao dissertar sobre a personagem infantil e juvenil.

2 Literatura juvenil: original, adaptação e reconto

A democratização do ensino surge da necessidade de materiais de apoio para o professor. As editoras veem nesse panorama um ótimo mercado em expansão e começam a investir efusivamente nesse setor. Essa literatura, ainda que designada literatura para jovens, é endereçada às escolas, isto é, os livros são criados pensando na necessidade do professor em sala de aula. Segundo Souza (2001), as estratégias adotadas pelas editoras, ainda hoje aplicadas, se dão através da entrega de livros para professores. Além disso, muitos já vêm com uma ficha de leitura para trabalharmos com os alunos, sem contar que essas já estão respondidas: tudo para facilitar o trabalho docente.

Essa denotação educativa da literatura está intimamente relacionada com as necessidades escolares, motivo de seu surgimento. Porém, há autores que, apesar de toda a pressão das editoras, conseguem produzir textos significativos, em que o jovem é o principal receptor, reconhecendo sua condição existencial na obra, ao mesmo tempo em que a pluralidade de caminhos abre-lhe horizontes. Podemos citar como exemplo escritores como Moacyr Scliar, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga e tantos outros escritores que trocaram o molde exaustivo dos livros infantis e juvenis por textos com conteúdo e qualidade estética.

Para entendermos essa literatura destinada aos jovens, antes é preciso compreender que ela deve possuir a estrutura simples, justamente para atender às necessidades de seu leitor. O livro deve acompanhar a evolução cognitiva do jovem e auxiliá-lo em seu desenvolvimento (Souza, 2001). Assim, podemos entender a literatura juvenil como uma ponte entre a literatura infantil, destinada aos menores, e a literatura adulta, complexa demais para o nível intelectual

e existencial do leitor da faixa etária em questão. Seu objetivo é prepará-lo para que mais tarde possa desfrutar de literaturas mais complexas, tais como os clássicos da literatura universal.

Pensando justamente nessa necessidade, as editoras encontram outra vertente desse mercado: as adaptações dos clássicos. Segundo a estudiosa, a ampliação do mercado editorial juvenil está diretamente relacionada ao hiato no ensino de leitura e literatura nas escolas, já que os textos clássicos não fazem parte da vida do jovem estudante nem dentro, nem fora da escola. Podemos acrescentar, ainda, que os autores contemporâneos também raramente são trabalhados nesse ambiente. Prado (2008) afirma que a adaptação considera o ponto de vista da intenção comunicativa em relação ao destinatário, isto é, fazemos a adaptação pensando nas habilidades do leitor. Assim, se o texto original é complicado ou, por vezes, incompreensível a um determinado leitor, a adaptação é necessária para suprimir essa dificuldade. Porém, não devemos esquecer que essa adequação possui dois caminhos: ou do texto ao leitor, em que modificamos o texto, adaptando-o para o receptor; ou do leitor ao texto, utilizando notas de rodapé, textos introdutórios, etc.

Ainda segundo a autora, “se a obra é um todo, conteúdo e forma, que não pode ser decomposta, uma modificação pode destruir a verdade ou autenticidade da criação” (2008, p. 2). Contudo, há obras que transpõem sua origem literária e se mitificam, conservando sua verdade e autenticidade ainda quando modificadas. Assim, a estudiosa conclui que a adaptação de determinadas obras pode ser responsável pela transmissão desse conhecimento ao leitor, bem como pela sobrevivência desse texto ao longo dos tempos. Dessa forma, a adaptação torna-se uma ferramenta válida para a valorização de significativas obras culturais, tais como os clássicos. Sua importância aparece mais evidente quando tratamos de diminuir a distância entre o público infantil e a obra adulta.

Contudo, ao adaptarmos um texto, perdemos muito de sua historicidade, dado que a obra é modificada, ainda que siga critérios como priorizar o enredo, usar uma linguagem atual e de fácil compreensão, e não se afastar – pelo menos não deve – da obra original. De acordo com Ceccantini (2004), a leitura dos clássicos está perdendo lugar entre os jovens. Mesmo que a escola saiba a importância dessas obras, busca utilizar textos que acredita despertar o gosto pela leitura e acaba caindo nas armadilhas editoriais que apresentam textos fáceis, que pouco exigem do leitor, mascarando o seu desenvolvimento quanto a leitura.

Nessa realidade escolar, as editoras acabam apostando cada vez mais em textos atuais que possam suprir as incertezas dos professores. Assim sendo, cria-se uma nova versão para os clássicos, algo jovem, moderno, identificável: os recontos. Essas obras são recriações a partir de elementos já existentes na original. Os aspectos principais são mantidos, embora a obra muitas vezes se distancie consideravelmente do referente em questão. Ainda hoje não há uma teoria específica sobre o reconto, sendo ele muitas vezes considerado uma vertente da adaptação.

Contrariamente à adaptação, o reconto é uma criação livre do autor, que seleciona alguns elementos da obra e recria conforme lhe convier. Não há um compromisso em manter o enredo original, apenas a sua essência de significados. Segundo Prado (2008), o reconto é um texto híbrido, sendo uma mistura de adaptação e invenção. Há uma mudança drástica em relação à obra original, uma vez que muitos elementos da obra original não são utilizados. De acordo com a autora, no caso de *Dom Quixote das crianças*, livro que analisa, Lobato prioriza a ordem dos acontecimentos, intensifica a aventura e torna o texto identificável com seu leitor. Além disso, somente os eventos mais importantes são utilizados em seu reconto. As descrições, relatos e outros elementos que estendem a obra são suprimidos. Dessa forma, o texto criado é algo completamente novo.

Esse tipo de texto surge com o intuito de atrair a atenção dos jovens para os clássicos ou para obras importantes de determinada literatura, porém centradas em um ambiente real para o leitor: sua realidade. A partir do momento em que as editoras apostam no leitor jovem como grande mercado, lotam-se as prateleiras das livrarias com recontos de inúmeras obras clássicas, visto que as originais possuem linguagem e estrutura com certo nível de complexidade para o qual os jovens leitores ainda não estão preparados. As adaptações apenas facilitam a leitura da obra, porém seguem o original, que, muitas vezes, não traz elementos que possam criar um elo com o leitor juvenil de hoje.

Podemos depreender daí que o livro adaptado e/ou recontado surge em resposta a uma necessidade, já que o leitor-alvo não está preparado cognitivamente para compreender a complexidade dos clássicos e se reportar a seu contexto de época (no primeiro caso, temos a adaptação; no segundo, o reconto). Nesse sentido, o novo texto é uma forma de aproximar o texto da realidade do jovem, sem que isso acarrete na leitura da obra original. Ele simplifica ou apenas apresenta traços do clássico, podendo instigar o leitor a posteriormente ler, quando cognitivamente capacitado, o texto que o gera. Em outras palavras, enquanto na adaptação

temos estratégias de facilitação de leitura, no reconto temos um processo de atualização histórica dos sentidos fundamentais da obra clássica para os dias de hoje.

Para Coelho (1991), Dom Quixote é uma excelente obra para fazermos uma “adaptação criativa”, ou reconto, como estamos denominando neste trabalho. Segundo ela, essa obra, assim como algumas outras que cita, trata dos conhecimentos humanos e das sabedorias de vida. A teórica considera a obra de Cervantes extremamente simbólica, possibilitando inúmeras leituras, o que a torna um excelente livro para ser recontado. Assim, pretendemos trabalhar os recontos da obra de Dom Quixote, de modo a analisar os aspectos da personagem principal, Dom Quixote, que permanecem tanto na obra original, quanto no reconto, salientando os processos compositivos de que os autores novos se valem para manter viva a tradição do clássico.

3 Dom Quixote recontado

O primeiro livro analisado é *Dom Quixote ecológico*, de José Carlos Leal. O título faz menção a como Altivo acaba sendo nomeado pelos jornais. Ele é um professor aposentado que, após receber um livro sobre a destruição do meio ambiente, torna-se obcecado pelo assunto e passa cinco anos apenas lendo livros que tratem do tema. Preocupado com o tempo de vida restante de seu planeta, resolve partir em uma jornada, a fim de conscientizar a população e impedir os crimes contra o meio ambiente. A história é contada por um narrador onisciente, contendo muitos diálogos. Logo no início da narrativa, o autor descreve a personagem, mostrando-a antes de ser aficionada pela preservação do meio ambiente.

As características psicológicas do herói não são aprofundadas, uma vez que o foco da narrativa é o meio ambiente. Durante toda a história, suas atitudes demonstram que possui conhecimento amplo sobre as consequências do uso dos mais diversos produtos para a natureza, os compostos que prejudicam e meios alternativos para que não se utilize esses elementos. Já demonstra tal posição durante a conversa com sua irmã, ao reclamar do detergente e sugerir que use um composto caseiro. A fim de tornar sua jornada mais parecida com a de um cavaleiro, pede para uma parente fazer seu uniforme: um macacão verde com um pássaro bordado nas costas e uma flor amarela no peito. Acredita que “daquele dia em diante seria um guerreiro como os cavaleiros antigos a lutar por sua dama ameaçada: a Ecologia” (Leal, 2005, p.6).

O segundo livro analisado é *O heroísmo de Quixote*, de Paulo Mastroberti. Dom Quixote da periferia, como fica conhecido através dos jornais, é um homem que resolve ajudar as pessoas de um jeito um pouco diferente e, por vezes, irracional. Suas atitudes não são pensadas, e, seguidamente, ele é humilhado e espancado por conta da falta de tato. Sua história é contada a partir de depoimentos de pessoas que estão por perto na hora de suas façanhas. Sua forma de se vestir é estranha, cheia de cores, segundo o depoimento de um travesti. Porém, na descrição do jornalista, mais completa, ele é definido da seguinte maneira: “usava macacão inteiro, prateado e justo. Botas prateadas também. O cabelo era leonino, vermelho-vivo, contrastando com o rosto azul de tão pálido, pálpebras e boca maquiadas com exagero (2005, p. 34)”. Mais adiante, Sancho, o repórter, também nota que a figura possui um olho preto e outro azul. Outras características nos são apresentadas ao longo da obra, tais como, a extrema magreza, o sorriso é meigo, a fala filosófica, a roupa brilhante no escuro, motivo pelo qual, muitas vezes, é confundido com um E.T.

Sua origem, o porquê de começar a agir dessa forma, não é revelado na obra. Em uma entrevista a um programa de televisão, Alonso, o Dom Quixote da periferia, afirma que “eu sou o que me tornei. Se me acreditam como santo, ou se me veem como um alienígena, para mim está bem. Antes disso eu nem sabia quem era, ou porque não me contaram ou porque esqueci” (Mastroberti, 2005, p.76). Dessa forma, há uma justificativa dentro da obra para que a origem, o onde tudo começa, não seja informada, como se essa atitude faça parte da personalidade da personagem. Por sua história ser contada a partir de depoimentos, isto é, por pessoas que testemunham suas façanhas, a única forma de descobrirmos como tudo começa é saber por Alonso, que não faz questão nenhuma que conheçamos seu passado. Segundo os relatos, ele é um homem sem preconceitos, que ajuda desde os travestis que se prostituem na rua até figuras importantes da sociedade. Sua primeira aparição é na periferia, em um bar gay.

3.1 Um diálogo possível

A partir da análise dos livros *Dom Quixote ecológico*, de José Carlos Leal, e *O heroísmo de Quixote*, de Paula Mastroberti, podemos fazer uma comparação entre as obras. Com isso, pretendemos identificar características comuns às obras e suas diferenças. A obra de Leal possui caráter educativo, buscando sempre adaptar-se a possíveis dificuldades que os leitores possam ter ao lê-la. Além do mais, o autor procura aproximar-se o máximo que pode do texto de Cervantes, utilizando recursos que vão desde a linguagem até a utilização de

ideias do livro original, como quando fica obcecado pela proteção do meio ambiente após ler inúmeros textos sobre o assunto. Já na obra de Mastroberti há uma liberdade maior de criação. O livro não tenta criar um vínculo nítido com o texto original, muito pelo contrário, a linguagem utilizada, a forma como o texto é escrito, o foco em Sancho são alguns aspectos da obra que nos revelam a intenção de narrar a história de um ponto de vista novo.

Ambos tentam recriar um espaço parecido com o da obra original, e desenvolver uma atitude que possa ser considerada fora do comum em suas personagens. Contudo, tanto na obra de Leal quanto na de Mastroberti, esses temas possuem mérito. No caso do *Dom Quixote ecológico*, temos o meio ambiente como objeto de fixação do herói e, apesar de o assunto ser tratado com exagero para que possa realçar a loucura de Altivo, a luta é válida e importante. Do mesmo modo, em *O heroísmo de Quixote*, temos um herói urbano idolatrado pelas minorias. Ainda que suas atitudes sejam consideradas muitas vezes suicidas e irracionais, sua luta também é importante, e suas ações acabam por oferecer benefícios à população. Assim, temos dois assuntos caricaturados pelos escritores.

Além disso, há a presença de figuras atuais nas obras, como é o caso daquelas que circulam na mídia, meio de comunicação básico nos dias de hoje. Na obra de Leal, o repórter aparece ao final da narrativa querendo fazer uma entrevista com Quixote. A reportagem o ridiculariza e o humilha, entretanto é esse mesmo repórter quem ajuda Gervásio a se manter informado sobre a prisão de Altivo. Na obra de Mastroberti, a reportagem é o que desenrola a história. Sancho é um repórter iniciante que busca, através dos depoimentos que coleta, descobrir mais sobre o Quixote da periferia. Nesse caso, Quixote não é ridicularizado na reportagem, muito pelo contrário, seus feitos são tomados pela população como atos heroicos. E, mesmo quando o apresentador de um importante programa tenta humilhá-lo, ele consegue manipular a situação a seu favor. Sua história se torna um filme assistido por milhares de espectadores. Outro fator interessante é que os nomes e Dom Quixote da periferia são dados pela mídia.

Não podemos nos esquecer da armadura. Nas duas obras temos menção a uma espécie diferente de roupa utilizada pelos heróis. Altivo pede para que sua irmã faça um macacão verde com uma rosa e um pássaro, para que fique parecido com as armaduras dos cavaleiros. Temos, nesse caso, todas as informações e sabemos, inclusive, a razão daquele uniforme. No caso da obra de Mastroberti, Alonso usa macacão e botas prateadas que brilham

no escuro, contudo, a explicação para esse tipo de vestimenta não aparece no texto. Só sabemos que sua figura é confundida com a de ETs em razão dessa peculiaridade.

As façanhas de Altivo são, via de regra, fadadas ao fracasso. Há apenas um momento na narrativa em que ele, de fato, é bem recebido em algum lugar; suas outras aventuras sempre lhe proporcionam momentos infelizes. Já com Alonso o quadro aparece um pouco diferente. Suas atitudes são, em grande parte, aceitas com sucesso pela população que, inclusive, o taxa de herói urbano. Na aventura em que parece ser derrotado, quando o carro de Sancho é roubado, o herói contorna a situação e aparece no outro dia com o veículo recuperado. Suas façanhas contribuem positivamente para o bem-estar da população, diferentemente de Altivo, que não tem sucesso em sua aventura. Embora, ao final, a ação de Alonso seja polêmica, pois envolve a morte de milhares de presidiários, ainda há quem acredite, naquela sociedade, que isso é um bem que ele faz para o povo. Sem contar que sua história vira filme. Desse ponto de vista, temos um herói fracassado na obra de Leal e um herói bem sucedido na obra de Mastroberti.

Contudo, apesar de ambos serem recontos publicados no mesmo ano, há aspectos diferentes entre eles. A história de Altivo, contada por um narrador onisciente, inicia antes de o herói se tornar aficionado pela ecologia, não havendo momentos ocultos na narrativa. Já Alonso é um homem misterioso que ninguém sabe de onde veio e nem como achá-lo. Na obra, não há detalhes sobre sua vida, provavelmente porque é justamente essa a imagem que a autora nos quer transmitir: a de um homem misterioso; ou talvez porque simplesmente não é interessante para o desenrolar da narrativa. De qualquer forma, só sabemos o que Sancho sabe, sua vida é um mistério e permanece sendo até o fim; nesse caso o narrador é apenas observador.

É interessante essa mudança de voz narrativa, pois, no momento que temos um narrador observador, só podemos contar com as informações que esse nos proporciona. Assim, muito fica escondido e cabe ao leitor preencher esses espaços. Já o narrador onisciente sabe tudo da personagem, e nós leitores também podemos usufruir desse privilégio. Contudo, no momento em que o narrador resolve revelar tudo, pode acontecer de nos decepcionarmos com certas informações ou, às vezes, cansarmos com o excesso das mesmas. Do mesmo modo, quando se omite mais do que o necessário, ocorre de não conseguirmos chegar a um denominador comum, a ponto de entendermos certos aspectos da obra que não são explicados.

Ao analisarmos a figura do escudeiro, também encontramos algumas diferenças. Gervásio é um homem bruto e sem estudo que acompanha Altivo com o intuito de, assim, casar-se com a irmã dele. Sua figura é secundária na obra e, muitas vezes, é usada como pretexto para explicar determinados conceitos e, em outras, aparece como o racional da dupla. Já na obra de Mastroberti, Sancho é uma peça chave para o desenvolvimento da narrativa, tornando-se, em alguns momentos, o foco da história. Nesse caso, sua figura não é secundária, mas de suma importância para a história, já que é contada a partir do ponto de vista de Sancho, e o que sabemos é o que Sancho sabe, e nada mais.

O caráter educativo surge na obra de Leal a partir do excesso de explicações. É nítido o desejo do autor de que o receptor aprenda durante a leitura. Já na obra de Mastroberti há uma intenção clara de não querer ser pedagógico. Enquanto que em *Dom Quixote ecológico* temos uma linguagem culta que tenta se aproximar da linguagem quixotesca, em *O heroísmo de Quixote* há uma linguagem coloquial, repleta de gírias e, às vezes, até palavras chulas, embora o que garanta a abertura do texto seja, além da linguagem, a estrutura narrativa.

É importante notar que a amada de Altivo é, em realidade, a biologia, isto é, o que ele defende. Já na outra obra analisada, a amada é uma modelo famosa que Alonso vê em um outdoor e pela qual se apaixona sem nunca tê-la visto pessoalmente. Porém, a jovem se apaixona pelo seu escudeiro, Sancho, o que o deixa feliz. Podemos reparar também que a figura da mulher não aparece em *Dom Quixote ecológico*, sendo a biologia, sua amada, o foco pedagógico do livro. Inferimos, assim, que o herói se apaixona pela matéria à qual está aficionado. Já a figura da modelo no outdoor, a princípio, nos passa a ideia de platonicidade, uma vez que ele nunca a viu pessoalmente, e, embora Alonso tenha oportunidades de conhecê-la pessoalmente, é Sancho quem corre atrás e, posteriormente, se torna o namorado da modelo. Dessa forma, a imagem platônica da mulher amada se desfaz.

Essas diferenças entre as obras só nos provam a capacidade da obra de Cervantes de se desvincular de seu texto inicial e ainda assim permanecer como uma obra imortal. Tanto a obra de Leal quanto a de Mastroberti, fazem uma tentativa de transportar a figura de Dom Quixote de Cervantes para os dias de hoje em duas formas de pensar como seria essa personagem se vivesse o que vivemos e dividissem as mesmas angústias. Essa adaptação e transformação da obra para algo palpável para o leitor pode ser feita de diversas formas, como podemos notar com a análise dos dois livros em questão que, apesar de abordarem temas completamente diferentes, conseguem encontrar uma forma de assemelhar-se com o texto

original. Ainda que a obra de Cervantes tenha sido escrita há séculos atrás, conseguimos transportar muito de sua essência para os dias atuais. As inúmeras possibilidades que o texto permite são o que o torna um dos clássicos universais da literatura. Esses diálogos só são possíveis porque o texto de Cervantes nos permite fazê-lo. Dessa forma, o autor criou uma obra que é passível de ser visualizada nas mais diversas épocas e nos mais diversos ambientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970. Disponível em: <http://files.letrasunip2010.webnode.com.br/200000789-0ffa11052a/3933933-Antonio-Candido-e-Outros-A-personagem-de-fico-docrev.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2011.

CECCANTINI, João Luís Tápias. *A adaptação dos clássicos*. In: BENITES, Sonia Aparecida Lopes; PEREIRA, Rony Farto. *À roda da leitura*, nº 13. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004.

CERVANTES, Miguel. *El ingenioso hidalgo Dom Quijote de la Mancha*. Madrid: Alianza editorial, 1984.

CERVANTES, Miguel. *El ingenioso caballero Dom Quijote de la Mancha*. Madrid: Alianza editorial, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. 4.ed. revista. São Paulo: Ática, 1991.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

LEAL, José Carlos. *Dom Quixote ecológico*. Belo Horizonte: Lê, 2005.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MASTROBERTI, Paula. *O heroísmo de Quixote*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PRADO, Amaya Obata Mouriño. *Adaptação, uma leitura possível: estudo de Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato. Santa Maria: UFSM/CPTL, 2008. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss10_07.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2011.